

# **A historiografia sobre a guerra na Grécia Antiga: dos “relatos-batalha” à abordagem histórico-cultural**

A historiography on the war in ancient Greece: from the “account-battles” to the historical-cultural approach

---

## **José Geraldo Costa Grillo**

Professor Adjunto  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
jgcgrillo@yahoo.com.br  
Estrada do Caminho Velho, 333  
Guarulhos - SP  
07252-312  
Brasil

## **Pedro Paulo Abreu Funari**

Professor Titular  
Universidade de Campinas (Unicamp)  
ppfunari@uol.com.br  
Cidade Universitária Zeferino Vaz  
Campinas - SP  
13083-970  
Brasil

---

14

## Resumo

Os autores retomam os principais temas, abordagens e problemas da historiografia militar da Grécia Antiga com a finalidade de mostrar que as pesquisas se direcionam para uma abordagem cultural da guerra.

## Palavras-chave

Grécia Antiga; Historiografia militar; Abordagem cultural.

## Abstract

The authors revise the main issues, approaches and problems of military historiography of ancient Greece in order to show that research are heading for a cultural approach to the war.

## Keywords

Ancient Greece; Military historiography; Cultural approach.

---

Enviado em: 29/04/2010  
Autores convidados

## Introdução

Os temas, abordagens e problemas principais da historiografia militar da Grécia antiga foram passados em revista por Raoul Lonis e Pierre Ducrey, em artigos já clássicos. Lonis (1985) elaborou um boletim crítico sobre 260 obras referentes à pesquisa realizada entre os anos 1968 e 1983, dividindo-as em nove temas: obras gerais, épocas micênica e geométrica, forças e modos de combate nas épocas arcaica e clássica, exércitos e finanças, os exércitos de Atenas, Esparta, Macedônia e Tebas, Exército e cidade, direito de guerra e usos da guerra, guerra e religião e guerra e paz.

O estado da arte efetuado por Lonis sobre a guerra na Grécia antiga tornou-se modelar para as realizações posteriores; todavia, ainda que tenha apontado implicações importantes como a relação do estabelecimento da falange hoplítica e o surgimento da polis na época arcaica e o tema da mentalidade guerreira na relação entre guerra e religião, ele não situou essas pesquisas no conjunto das disciplinas envolvidas, sobretudo a história antiga e a arqueologia clássica, e o desenvolvimento de suas teorias e metodologias.

Essa empresa foi levada a efeito por Ducrey (1997; 1999), que se propôs a uma reflexão sobre a evolução da historiografia da guerra na Grécia antiga de 1945 até 1999, dedicado às orientações recentes da pesquisa nesse domínio. Situando a história antiga no contexto maior da história geral, mostrou como essa historiografia, agora pouco interessada em uma "história acontecimental", adotou uma nova orientação, trabalhando, ao menos na França, com os conceitos de "longa duração" e de "mentalidades" da Escola dos *Annales*. Também no mundo anglo-saxão, surgiram temas como relações de gênero, identidades, subjetividades, o indivíduo, como atesta Harry Sidebottom (2004), Simon Hornblower (2007) e Hans van Wees (2007).

À parte das reações de aceitação e de recusa que esses conceitos provocam em certos âmbitos acadêmicos, esse novo olhar da historiografia pôs em destaque, segundo Ducrey, dois elementos que nos interessam: primeiramente, as guerras do presente deixaram marcas nas obras dos historiadores militares atuais; segundo, o aspecto polivalente e universal do tema da guerra. Não se pode ler um autor antigo como Tucídides sem relacionar seus intérpretes, a cada momento da História, aos contextos e circunstâncias de suas épocas (SILVA 2008). A historiografia sobre a guerra na Grécia antiga também se caracterizou, nas últimas décadas, pelo uso tanto da tradição textual e dos textos clássicos, como pela crescente valorização das evidências materiais.

À luz desses dados, retomamos parcialmente essa história com a finalidade de mostrar que as pesquisas se direcionam para uma abordagem cultural da guerra na Grécia antiga. A relação entre guerra e violência nessa historiografia coloca em evidência o uso do conceito de "sensibilidades", tão caro à história cultural.

## Guerra e violência na historiografia militar

A historiografia da guerra passou, no século XX, por uma transformação.

Conforme Yvon Garlan (1999), essa mudança deveu-se a um olhar para o mundo contemporâneo, um mundo marcado pela guerra, por conflitos envolvendo libertações nacionais e causas sociais, pelo desenvolvimento das forças de destruição, pela ameaça permanente de uma catástrofe nuclear. Essas marcas levaram os historiadores a considerar seriamente o fato militar em todas as suas implicações e a pensar a história de maneira diferente.

No caso da história militar grega, os historiadores abandonaram os métodos descritivos e se voltaram para uma reflexão temática e problemática da guerra, desembocando em uma *sociologia da guerra*. No final da Segunda Guerra Mundial, Hilda Lockhart Lorimer (1947) deu o primeiro impulso rumo a uma história sociológica da guerra na Grécia antiga, ao estabelecer relações entre armamento e sociedade. Com isso, ela questionou a ideia, construída sobre as fontes escritas, de que a evolução do armamento e das táticas de combate se deu por uma "revolução dos hoplitas", argumentando, sobretudo a partir dos dados arqueológicos, ter havido, ao contrário, uma evolução relativamente lenta do armamento e do modo de combate, conjugada com a das práticas sociais.

Logo depois, nos anos que se seguiram ao fim da guerra, André Aymard (1967) realizou, na perspectiva teórica da escola historiográfica dos *Annales*, seminários temáticos sobre os reféns, o saque, os mercenários, a vitória, a derrota, e tantos outros que demonstravam uma sociologia da guerra na Antiguidade Clássica. Ele formou toda uma geração de pesquisadores, que, a partir dos anos sessenta, dedicaram-se, na linha de pesquisa aberta por ele, a estudar não mais *as* guerras, mas *a* guerra, entendida agora como um *fenômeno* social, econômico, religioso, cultural etc., em sua "longa duração", isto é, sua *permanência* na História (GARLAN 1999).

Significativas e marcantes, nessa direção, foram as conferências proferidas, em 1965, no Centro Louis Gernet, em Paris, na França, dedicadas aos *Problemas da guerra na Grécia antiga*, onde, sob a direção de Jean-Pierre Vernant, uma grande equipe de especialistas dedicava-se a estudar a guerra, partilhando a ideia de que, para os gregos da época clássica, a guerra era natural. Essa concepção decorre do fato de que os gregos – organizados em pequenas cidades, orgulhosas de sua independência e desejosas em afirmar sua supremacia – viam, na guerra, a expressão normal da rivalidade que preside às relações entre seus Estados, sendo que a paz, isto é, momentos de tréguas, se inscreviam como tempos perdidos na trama dos conflitos. Adeptos de uma abordagem antropológica e histórica, que buscava compreender as relações entre guerra e sociedade, partilhavam da compreensão de que esta presença, natural e necessária, da guerra não se constituía, na vida social grega, um domínio à parte, com suas instituições, seus valores, sua ideologia, mas que, antes, confundia-se com a vida comunitária do grupo, tal qual ela se exprime nas estruturas do Estado. Portanto, a guerra não está apenas submissa à cidade, a serviço da política, ela é a própria política, identificando-se, assim, com a cidade, pois o papel do guerreiro coincide com o de cidadão, ou seja, ele se manifesta como guerreiro, uma vez que ele é um agente político com o poder de decidir as questões comuns do grupo (VERNANT 1999).

Não foram somente as duas guerras mundiais que influenciaram a historiografia militar; a permanência da guerra durante todo o século XX continuou a exercer seu papel de produzir sensibilidades, de despertar novas percepções. A Guerra do Vietnã levou o historiador militar britânico John Keegan (1999) a estabelecer uma diferença entre a *face da batalha* para os estrategistas que a planejam e para os soldados que a realizam, destacando seus efeitos sobre os combatentes, provocando dramas, traumas e atitudes, inclusive, as cruéis, violentas. Esse enfoque influenciou Victor Davis Hanson (1989), que abordou a guerra na Grécia antiga de maneira "realista", considerando-a tanto na perspectiva do agressor como na do agredido. Todavia, foi sua proposta de que a guerra grega antiga está na base do tipo de guerra praticada no mundo ocidental até uma época recente, o que mais despertou os interesses.

Os estudos de Pedro Paulo Abreu Funari (2006; 2008) sobre a Guerra do Peloponeso realizam-se nessa direção. Considerando o contexto histórico e cultural do passado e do presente, ele demonstra tanto como essa guerra foi a primeira a pôr em relação guerra e sistemapolítico, isto é, o embate entre o ideal democrático de liberdade de um lado e a tirania e a submissão de outro, quanto os usos ideológicos que são feitos dela, desde a Antiguidade até os dias atuais, por políticos e militares.

A guerra da Bósnia também trouxe consequências para a historiografia militar. Esse foi um tempo em que a guerra esteve, de maneira especial, no foco das atenções. É nesse momento crucial que se associa *guerra e violência*. Isso não implica, porém, afirmar que a violência tenha passado completamente despercebida da historiografia; significa simplesmente que uma sensibilidade, recém surgida, modificou os olhares. Guerra e violência tornaram-se, nesse contexto, indissociáveis, sendo esta última entendida como inerente à primeira, como sua expressão essencial, e passaram, então, a ser abordadas de maneira sistemática.

O primeiro esforço para entender essa relação deu-se nos Seminários sobre *Guerra e violência na sociedade grega*, ocorridos, entre janeiro e março de 1998, no Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Londres (VAN WEES 2000). Alguns anos mais tarde, no Colóquio Internacional, *A violência nos mundos grego e romano*, ocorrido, entre 2 e 4 de maio de 2002, na Universidade de Paris I, Panthéon-Sorbonne, a violência foi posta em primeiro plano e as análises se voltaram para sua representação nos mundos grego e romano, com interesse especial nos discursos produzidos e nas normas que estruturam os sistemas sociais (BERTRAND 2005).

Trata-se de uma nova maneira de ver a violência, derivada de uma nova sensibilidade. Nicolas Richer exprime isso muito bem ao dizer que

estudar a violência, é preparar-se para conhecê-la, para reconhecê-la, para identificar os contextos que favorecem suas manifestações. É familiarizar-se intelectualmente com um fenômeno complexo, do qual, [...], todos os seres humanos experimentam um dia ou outro, uma vez que, verdadeiramente, nós nos tornamos extraordinariamente sensíveis a uma

insegurança que, provavelmente, nunca foi tão impotente, em relação ao número potencial crescente de vítimas e de outros atos de violência (RICHTER 2005, p. 8).

No que se refere ao mundo grego, André Bernand (1999) entende ter a violência se dado de maneira onipresente na civilização grega, e que essa violência exprimia-se pelo espírito de vingança. A aprendizagem da violência pelos gregos veio, primeiramente, da necessidade de enfrentar as brutalidades da natureza que os cerca – solo árido, inundações, tempestades, terremotos, epidemias, feras selvagens –; depois, de Homero ao dar-lhes os primeiros exemplos literários de violência, a *Ilíada* e a *Odisséia*; mas, também, dos autores trágicos, que representaram inúmeras vezes em suas tragédias, o crime reagindo ao crime, a vingança em resposta a uma agressão, mostrando ser a vingança uma constante na história grega.

Essas transformações ocorridas na historiografia militar permitem que temas já estudados sejam abordados de outra perspectiva, ou seja, a partir da relação entre guerra e violência, produzindo, conseqüentemente, novos resultados.

José Geraldo Costa Grillo (2008), por exemplo, analisa o tema da Ira de Aquiles, tal qual manifestada em seu tratamento do cadáver de Heitor, primeiramente, conforme sua descrição na *Ilíada* e, depois, a partir de sua representação nos vasos áticos. Com isso, mostra que o mesmo foi diversamente compreendido pelos gregos antigos, evidenciando diferentes sensibilidades à guerra, em geral, e à violência, em particular, e, conseqüentemente, identidades diversas.

18

### **Considerações finais**

O estudo da guerra na Grécia antiga passou por mudanças substanciais nas últimas décadas. As narrativas interessadas na reconstrução dos acontecimentos, tais como teriam propriamente acontecido, foram sendo concorrenciadas por preocupações com as circunstâncias e contextos de produção das interpretações pela historiografia moderna. Em seguida, os textos clássicos foram, cada vez mais, relacionados a evidências iconográficas e materiais, de modo a compor um quadro mais complexo e menos unilateral dos conflitos. À luz das discussões epistemológicas pós-modernas (FUNARI e SILVA 2009), temas como violência, sexualidade e identidades, inseriram-se no amplo campo da cultura grega antiga. Renovado, o interesse pela guerra na Grécia antiga só tem aumentado.

### **Agradecimentos**

Agradecemos a Harry Sidebottom e Glaydson José da Silva. Mencionamos o apoio institucional do Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da Unicamp, da FAPESP e do CNPq. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

## **Bibliografia**

- AYMARD, A. **Études d'histoire ancienne**. Paris: PUF, 1967.
- BERNAND, A. **Guerre et violence en Grèce antique**. Paris: Hachette, 1999.
- BERTRAND, J.-M. (Dir.). **La violence dans les mondes grec et romain**. Actes du colloque international. Paris, 2-4 mai 2002. Paris: Publications de la Sorbonne, 2005.
- DUCREY, P. Aspects de l'histoire de la guerre en Grèce ancienne, 1945-1996. In: BRULÉ, P.; OULHEN, J. (org.). **Esclavage, guerre, économie en Grèce ancienne**: Hommages à Yvon Garlan. Rennes: PUR, 1997, p. 123-138.
- \_\_\_\_\_. **État des questions. Guerre et guerriers dans la Grèce antique**. Paris: Hachette, [1985] reimpressão, 1999. p. 274-290.
- FUNARI, P. P. A. Guerra do Peloponeso. In: MAGNOLI, D. (org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 19-45.
- \_\_\_\_\_. La guerre du Péloponnèse et les usages modernes. **Histoire Antique**, 40, p. 26-31, 2008.
- FUNARI, P. P. A., SILVA, G. J. **Teoria da História**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- GARLAN, Y. **Guerre et économie en Grèce ancienne**. Paris: La Découverte, 1994. ed., 1999.
- GRILLO, J. G. C. A ira de Aquiles e as sensibilidades à violência na Grécia antiga. **História: Questões & Debates**, 48-49:37-59, 2008.
- HANSON, V. D. **The Western Way of War**: Infantry battle in classical Greece. New York: Knopf, 1989.
- HORNBLOWER, S. War and the development of ancient historiography. In: SABIN, P.; VAN WEES, H., WHITBY, M. (ed.). **The Cambridge History of Greek and Roman Warfare**. Cambridge: Cambridge University, 2007, p. 22-53.
- KEEGAN, J. **A face da batalha**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, [1979] 1999.
- LONIS, R. La guerre em Grèce. Quinze années de recherche: 1968-1983. **Revue des Études Grecques**, 98:321-379, 1985.
- LORIMER, H. L. The hoplite phalanx with special references to the poems of Archilochos and Tyrtaeus. **Annual of the British School at Athens**, 42:76-138, 1947.
- RICHTER, N. La violence dans les mondes grec et romain. Introduction. In: BERTRAND, J.-M. (Dir.). **La violence dans les mondes grec et romain**. Actes du colloque international. Paris, 2-4 mai 2002. Paris: Publications de la Sorbonne, 2005. p. 7-35.

- SIDEBOTTOM, H. **Ancient Warfare**. Oxford: Oxford University, 2004.
- SILVA, G. J. Thucydide II, 37 et le préambule de la Constitution européenne. **Histoire Antique**, 40:38-44, 2008.
- VAN WEES, H. Introduction. **War and Violence in Ancient Greece**. London-Ducworth:Swansea-Classical Press of Wales, 2000. p. vii-viii.
- \_\_\_\_\_. Warfare and society. In: SABIN, P.; VAN WEES, H., WHITBY, M. (Ed.). **The Cambridge History of Greek and Roman Warfare**. Cambridge: Cambridge University, 2007. p. 273-299.
- VERNANT, J.-P. Introduction. **Problèmes de la guerre en Grèce ancienne**. Paris: EHESS-Seuil, [1968], 1999. p. 11-38.